

# **A IDENTIDADE TERRITORIAL E CULTURAL DO SERTANEJO NORDESTINO NA OBRA DE LUIZ GONZAGA**

Bruno César OLIVEIRA DE LIMA; Allan Wdyson ATANÁSIO DA HORA  
IFRN, Rua Francisco Canindé de Araújo n° 165 – Rosa dos Ventos – Parnamirim/RN,  
bcol\_2007@yahoo.com.br  
IFRN, Rua Severino Tavares n° 990 – Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN,  
allandahora003@hotmail.com

## **RESUMO**

O presente artigo trata de uma discussão, através da geografia cultural, com a finalidade de analisar o universo do sertanejo nordestino presente na obra de Luiz Gonzaga, o qual se pretende compreender as identidades territorial e cultural que são temas constantemente abordados em suas canções. A pesquisa em si foi realizada de forma teórica através de pesquisas bibliográficas, no qual se buscou utilizar como referenciais teóricos livros que tratam da identidade territorial e cultural do homem, sob a perspectiva da ciência geográfica, além de um conjunto formado por quatro músicas de Luiz Gonzaga pertinentes a este estudo. Ao final desta pesquisa, comprovou-se que Luiz Gonzaga deixou permear em sua obra o modo de vida do sertanejo nordestino, assim o homem nordestino, ao ouvir as músicas do Rei do baião, passou a se reconhecer e se identificar, assim como a sua cultura, o que contribuiu favoravelmente para a construção do referencial identitário do sertanejo nordestino.

**Palavras-chave:** identidade territorial, identidade cultural, Luiz Gonzaga, sertanejo.

## **INTRODUÇÃO**

A arte, de maneira geral, procura se identificar com a realidade humana seja através de uma abordagem natural, espiritual, cultural, social, dentre outras. Essa identificação ocorre em todas as modalidades da expressão artística. A música é uma das artes mais carregadas de simbolismo, da identidade cultural da região de seu autor. A realidade abordada através da música depende exclusivamente do autor, uma vez que este é quem manifestará implícita ou explicitamente qual tema será abordado. O tema, geralmente, é baseado em fatos do cotidiano que o autor viveu ao longo da sua vida e que acabaram lhe servindo de inspiração para a composição da música.

Este trabalho busca ver na música nordestina conceitos apropriados pela Geografia Cultural como Identidade Territorial e a Identidade Cultural, mais especificamente no caso do povo nordestino, do Sertanejo, que deixa sua terra em busca de melhoras em regiões mais prósperas, mas nunca se esquece da realidade que o gerou, da sua terra, dos seus. Tudo isso imiscuído num mar de religiosidade. E buscando na historiografia da música brasileira, é inconcebível não ver em Luiz Gonzaga do Nascimento ou simplesmente Luiz Gonzaga o maior baluarte da cultura nordestina musicalmente falando. Ele foi o primeiro a buscar, em sua poesia musical, retratar o tão sofrido sertanejo nordestino, sua religiosidade, seu apego pela lida na terra, como também fauna, flora e as peculiares paisagens nordestinas.

A metodologia utilizada foi a da Pesquisa e Análise Bibliográfica sob a ótica da Geografia Cultural de parte do acervo de músicas que compõem a vasta obra do

compositor. Foram escolhidas quatro canções: **Baião da Garoa**<sup>1</sup>, **Asa Branca**<sup>2</sup>, **A Volta da Asa Branca**<sup>3</sup> e **A Triste Partida**<sup>4</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Luiz Gonzaga, o Rei do Baião

Luiz Gonzaga nasceu no ano de 1912 em Exu, município do estado de Pernambuco. Ainda criança, iniciou-se na sanfona por influência de seu pai, Januário. Já adolescente, ele passou a se apresentar em pequenos concertos, bailes, forrós e feiras. Em 1930, Luiz Gonzaga se alistou no exército e passou a viajar pelo país servindo a pátria, tendo obtido baixa do exército somente em 1939 indo morar no Rio de Janeiro. Na ex-capital do país, começou se apresentando como instrumentista de choros, sambas e outros gêneros da época, logo depois passou a interpretar músicas de sua autoria em ritmos regionais do nordeste como xote, xaxado e baião, o que fez alcançar o sucesso e conseguir um contrato com a Rádio Nacional.

O seu auge veio no final da década de quarenta, quando gravou a música Asa Branca, um verdadeiro hino para os nordestinos, pois retrata a vida dos afligidos pelas secas, quando acabam deixando sua região e partindo em busca de uma vida melhor em outras regiões do Brasil. Na década de sessenta, com a chegada da bossa nova, o reinado de Gonzaga perdeu sua hegemonia nos grandes centros urbanos, entretanto no interior do país o artista continuou extremamente popular. Nas décadas de setenta e oitenta voltou a ser lembrado nos grandes palcos e estúdios do país, com várias regravações de artistas renomados. Em 1989, o Brasil perde o rei do baião, mas o seu reinado permanece hegemônico, principalmente para o povo nordestino. Luiz Gonzaga, em seus mais de 50 anos de carreira, é autor de mais de 300 músicas, sozinho ou em parceria, que tratam dos mais diversos temas e regiões brasileiras, sendo que os temas nordestinos são maioria na discografia do artista. Gonzaga enriquece, e muito, a cultura brasileira com suas bem inspiradas toadas.

### Identidade Territorial e Cultural do Nordeste em Luiz Gonzaga

O Território e suas relações simbólicas com o migrante nordestino são a marca registrada na obra de Luiz Gonzaga. Em suas mais de 300 músicas, o autor viaja por vários temas regionais do Nordeste do Brasil e do homem nordestino, que deixa sua terra em busca de melhora em outras paragens, geralmente no Sudeste do Brasil. O amor do homem pela terra, as belezas da paisagem castigada e a religiosidade desse povo são recorrentes em suas canções. A terra natal é o símbolo maior para o nordestino, pois é carregada de significado para ele. A esse respeito, Crosgrove (2007, p.108) nos diz que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”.

É em sua terra que o nordestino nasce, cresce, lida com a terra, flerta com as moças, se constrói como ser humano no universo “Gonzagueano”. Eis aí o retrato do simbolismo da terra para o homem nordestino, que onde quer que esteja mantém sua identidade, pois não se desliga afetivamente de sua origem. Sobre isso acrescenta Claval (2007, p.156): “O símbolo reúne: ele faz esquecer as diferenças que existem entre os membros de um grupo ou de uma mesma cultura; ele realça aquilo que compartilham”. Os migrantes, mesmo em São Paulo ou no Rio de Janeiro, podiam rever sua terra querida em cada estrofe das músicas do rei do Baião. Isso

---

<sup>1</sup> Toada, Luiz Gonzaga, 1951, RCA Victor 800874b.

<sup>2</sup> Toada, Luiz Gonzaga/HumbertoTeixeira, 1947; RCA Victor 800510b.

<sup>3</sup> Toada, Zé dantas/Luiz Gonzaga, 1950, RCA Victor 800699b.

<sup>4</sup> Toada, Patativa do Assaré, 1964, RCA.

originou os famosos “Centros de Tradições Nordestinas” no Rio e São Paulo. Luiz Gonzaga coloca-se como a própria “encarnação” do nordeste com seu sotaque arrastado, seus aboios, sua indumentária de vaqueiro e suas músicas repletas de símbolos familiares aos nordestinos, onde quer que estejam no Brasil.

Luiz Gonzaga levou para o restante do Brasil um entendimento mais amplo do sertanejo nordestino, de sua terra e de sua relação sacrossanta com “seu chão”, sua cultura. Discorrendo sobre Identidade Cultural, Castells (1998) nos diz que devemos analisar primeiramente a identidade religiosa, nacional, regional e étnica de cada sociedade para podermos compreender a política, e não começar pela economia e geopolítica. Embora este autor tenha se referido à política, provavelmente essa análise seja necessária para entendermos qualquer sociedade em sua complexidade e relação com o espaço.

Bonnemaison (1981) nos trás a idéia de território “geo-simbólico”, onde o território é criado pela existência da cultura e encarna a relação simbólica entre a cultura e o espaço, tornando-se um “geo-símbolo”, um espaço que acomoda a identidade de um povo. Isso nos deixa claro como a obra Gonzagueana consegue, desde o início, servir como forma de manutenção do ideário e sentimento nordestino nas culturas cosmopolitas que recebem as levas de sertanejos, como também contribuiu para a resistência desses sertanejos nos centros industriais do país da década de 1950 aos dias de hoje.

### **Baião da Garoa**

Esta música é carregada com todos os tempêros clássicos de Gonzaga, como religiosidade, saudade da terra natal, a seca desoladora, o nordestino que se vê obrigado a migrar em busca de melhores condições de vida, o desejo do nordestino de voltar pra casa.

Na terra seca  
Quando a safra não é boa  
Sabiá não entoa  
Não dá milho e feijão  
Na Paraíba, Ceará nas Alagoas  
Retirantes que passam  
Vão cantando seu rojão  
Tra, lá, lá, lá, lá, lá, lá - (Bis)

Meu São Pedro me ajude  
Mande chuva, chuva boa  
Chuvisqueiro, chuvisqueiro  
Nem que seja uma garoa

Uma vez choveu na terra seca  
Sabiá então cantou  
Houve lá tanta da fartura  
Que o retirante voltou  
Tava lá eu na pisada (2x)  
Tum, tum, tum

Oi! Graças a Deus  
Choveu garoou

## Asa Branca

Música da autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, Asa Branca é tida até hoje como o “hino do sertanejo”, uma das canções mais representativas na obra de Gonzaga. Novamente, aparecem os temas recorrentes. A música evidencia a dificuldade do sertanejo em deixar sua terra, seu símbolo maior. Perdendo os bens que lhe eram caros, teve de se separar até de sua amada, Rosinha. Observemos que o homem, mesmo longe, tem vívidas as lembranças de seu local de origem e planeja voltar, assim que a chuva caia. A religiosidade aparece logo na primeira estrofe, quando o homem pergunta a Deus por que tamanha judiação. Toda a vinculação simbólica que liga o homem ao território, esse sentimento de pertencimento – a Territorialidade – permanece no migrante.

Quando oiei a terra ardendo  
Qual a fogueira de São João  
Eu preguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia  
Nem um pé de prantação  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
"Intonce" eu disse adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas légua  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio  
Se espanhar na prantação  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu vortarei, viu  
Meu coração

## A Volta da Asa Branca

Fruto da Parceria entre “Gonzagão” e o potiguar “Zé” Dantas, esta música é o final feliz de Asa Branca com a “volta pra casa”. O pior já passou e o sertanejo pode voltar pra sua terra, restabelecer sua vida no local que ama, com os que ama. É a exteriorização da identidade do nordestino que se encontra em seu ápice: ele está em seu espaço simbólico. Morales consegue sintetizar o poder subjetivo da vertente musical na qual figura esta canção:

“Na música está presente não apenas o componente melódico, mas também versos, os quais traduzem em palavras o vivido. Ou seja, organizam cognitivamente experiências vitais de diversas ordens: a situação do migrante

que foi forçado a sair da sua terra e se sente como um exilado; a saudade que alimenta a idéia de retorno; os amores desfeitos e não correspondidos; a traição; a morte; a separação; as alegrias do reencontro e a exaltação ao fato de ser nordestino”. (Morales, 1993, p. 143)

Já faz três noites  
Que pro norte relampeia  
A asa branca  
Ouvindo o ronco do trovão  
Já bateu asas  
E voltou pro meu sertão  
Ai, ai eu vou me embora  
Vou cuidar da prantação

A seca fez eu desertar da minha terra  
Mas felizmente Deus agora se alembrou  
De mandar chuva  
Pr'esse sertão sofredor  
Sertão das muié séria  
Dos homes trabaiador

Rios correndo  
As cachoeira tão zoando  
Terra moiada  
Mato verde, que riqueza  
E a asa branca  
Tarde canta, que beleza  
Ai, ai, o povo alegre  
Mais alegre a natureza

Sentindo a chuva  
Eu me arrescordo de Rosinha  
A linda flor  
Do meu sertão pernambucano  
E se a safra  
Não atrapaiá meus pranos  
Que que há, o seu vigário  
Vou casar no fim do ano.

## **A Triste Partida**

Toada triste da autoria do célebre poeta Patativa do Assaré, esta canção mostra todas as agruras pelas quais passa o humilde sertanejo, que pelo escassear de recursos em sua terra natal, migra para o sul – na verdade o sudeste – onde busca dias melhores. A canção se dá em ritmo penoso, pois o nordestino vê uma parte de sua identidade, a fé, desmoronar a ponto de quase não mais existir. Tal o retrato pintado pelos muitos versos desta poesia-canção. A música de Luiz Gonzaga vai contra o desejo do capitalismo de formar identidades “globais” numa resistência de reterritorialização do migrante sertanejo, uma tendência regionalista. HAESBAERTH (1999), a esse respeito, nos fala:

“Diante da massa de despossuídos do planeta, em índices de desigualdade

social e de exclusão cada vez mais violentos, o ‘apegar-se à terra’, a ‘reterritorialização’ é um processo que vem ganhando força. Ele se torna imprescindível não somente como fonte de recursos para a sobrevivência física e cotidiana, mas também para a recriação de seus mitos, de suas divindades ou mesmo para manter viva a memória de seus mortos”. (Haesbaerth, 1999, p. 185)

Meu Deus, meu Deus  
Setembro passou  
Outubro e Novembro  
Já tamo em Dezembro  
Meu Deus, que é de nós,  
Meu Deus, meu Deus  
Assim fala o pobre  
Do seco Nordeste  
Com medo da peste  
Da fome feroz  
Ai, ai, ai, ai [...]  
[...] E vende seu burro  
Jumento e o cavalo  
Inté mesmo o galo  
Venderam também  
Meu Deus, meu Deus  
Pois logo aparece  
Feliz fazendeiro  
Por pouco dinheiro  
Lhe compra o que tem  
Ai, ai, ai, ai  
Em um caminhão  
Ele joga a fãmia  
Chegou o triste dia  
Já vai viajar  
Meu Deus, meu Deus  
A seca terrívi  
Que tudo devora  
Ai, lhe bota pra fora  
Da terra natal  
Ai, ai, ai, ai [...]  
[...] Do mundo afastado  
Ali vive preso  
Sofrendo desprezo  
Devendo ao patrão  
Meu Deus, meu Deus  
O tempo rolando  
Vai dia e vem dia  
E aquela fãmia  
Não vorta mais não  
Ai, ai, ai, ai  
Distante da terra  
Tão seca mas boa  
Exposto à garoa  
A lama e o paú  
Meu Deus, meu Deus  
Faz pena o nortista

Tão forte, tão bravo  
Viver como escravo  
No Norte e no Sul  
Ai, ai, ai, ai.

## CONCLUSÃO

Após o trabalho de pesquisa sobre a obra do mestre Luiz Gonzaga, pôde-se constatar que, efetivamente, sua obra está permeada pelo imaginário, pelas crenças, pelo histórico do trabalhador migrante nordestino. Pelo sofrimento do fugitivo da seca, que ao menor sinal de chuvas já acena com a possibilidade de voltar pra casa. As identidades do “sertanejo nortista” estão arraigadas em toda a musicografia do rei do baião. Sejam essas identidades culturais, religiosas, territorial, política, econômica, dentre outras. O homem nordestino, não diferente dos demais, se reconhece através de sua cultura. É interessante lembrar o conceito de cultura de McDowell (1996):

“Cultura é um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço”. (McDowell, 1996, p. 161)

## REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joël. **Viagem Através do Território**. Tradução de Glauco Vieira Fernandes. In: L'Espace Géographique, n.4. Paris: Paris Vie, 1981, p.249-262.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Glauco Vieira. Londres: Blackwell, 1998.

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: Paisagem, tempo e cultura. CORRÊA, R. L. & ROSENDHAL, Z. (org). Rio de Janeiro: EdUERj, 2000.

DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Editora 34, 1997.

Discografia de Luiz Gonzaga. Disponível em <http://www.reidobaiiao.com.br/discografia>. Acesso em: 01 de janeiro de 2010.

HAESBAERTH, R., LIMONAD, E. O território em tempos de globalização.

McDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural**. In: GREGORY, D; MARTIN, R; SMITH, G. (Orgs.). Geografia humana – sociedade, espaço e ciência social, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.